

Sarney não aceita recessão

O presidente José Sarney não considerou recessão a queda de — 0,3 por cento no Produto Interno Bruto (PIB) no ano passado, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Sarney não quis fazer uma análise do resultado, argumentando que não era economista.

Sarney, para sustentar que não houve recessão, perguntou o que "significa recessão? Desemprego? Crescimento do consumo de energia elétrica?" O presidente garantiu que a taxa de desemprego é a mais baixa na história do País estando situada em torno de 3,8 por cento, de acordo com dados oficiais.

Além do crescimento do consumo de energia elétri-

ca, Sarney cita também a elevação da venda de insumos básicos no País. O Presidente disse que sempre ouviu falar em economia invisível, e se realmente existe, como fez questão de ressaltar, ela também deve ser computada na composição do PIB.

Desde que assumiu o governo, o presidente Sarney tem lutado contra a idéia de que o País vai cair na recessão, diante da política econômica que tem executado nos últimos anos.

Sarney defendeu sua posição depois de participar da cerimônia de formatura dos alunos do curso de preparação à carreira de diplomata, realizada no Palácio do Itamarati.

Comércio critica Governo

Goiânia — O presidente da Federação do Comércio do Estado de Goiás, empresário Elias Bufaiçal, anunciou ontem que "está faltando coragem ao Governo Federal para resolver os problemas do País", e conclamou a que os dirigentes da Nação sigam o exemplo da iniciativa privada.

A exortação do presidente da Fecomércio foi feita na solenidade de encerramento das festividades comemorativas dos 40 anos de fundação da Federação do Comércio de Goiás, que contou com a presença do presidente da Confederação Nacional do Comércio, Antonio Oliveira Santos.

Elias Bufaiçal, que também é tesoureiro da Confederação Nacional do Comércio, advertiu que "não podemos construir uma democracia apenas condenando o passado". Lembrou que é preciso ir fundo para extirpar os males, sejam da moralidade dos costumes, sejam da inépcia administrativa, sejam da improdutividade, sejam do descompromisso. Insistiu em que o déficit público tem que ser combatido numa guerra sem trégua. "Governar deve ser um ato de coragem. Deve-se como na direção da atividade privada, assumir o risco do prejuízo. A impopularidade é o prejuízo que o homem

público deve arcar quando se faz necessário. Não se muda a o País sendo simpático a todos, mas a sociedade saberá compreender e o reconhecimento virá pelos resultados.

VISÃO LIMITADA

O dirigente máximo dos empresários do comércio de Goiás criticou também os políticos com visão limitada entre o seu primeiro e o último dia de mandato, preocupados em se eleger, reeleger ou fazer seu sucessor. "É exigível um compromisso duradouro em que os efeitos transcendam a um mero mandato. É preciso que ao assumir a política do homem se comprometa com a Nação".

Elias Bufaiçal criticou a falta de criatividade no combate ao déficit público "onde a única alternativa tem sido a locação de mais recursos tomados da sociedade, via de tributos e miséria social".

Depois de acentuar que est, a preocupado com a redução cada vez maior nos salários dos trabalhadores, o presidente da federação do comércio do Estado de Goiás lembrou que "como resultado, surgem as greves. A insidiosa guerra entre as classes medram num ambiente propício, gerado pela desesperança, pela ausência de compromissos sérios e palpáveis".